

RESENHA

Millan, B. (2013). *Carta ao filho*. Rio de Janeiro: Rocco.

As cartas que não se escrevem mais*

IZA MARIA OLIVEIRA**

Para Bia, por seu endereço.

“Escrever é uma vingança contra a perda”
(Waly Salomão)



"O escritor", escultura do italiano, Giancarlo Néri.

“*Carta ao filho*: ninguém ensina a ser mãe”, de Betty Milan (Record, 2013), foi um dos últimos livros que me produziu curiosidade imediata: assim que soube de seu lançamento desejei encontrá-lo. Por outro lado, tal encontro produziu um dos efeitos que considero fundamental: sua leitura foi *pauseante*. Fez-me paradas. Fez-se em intervalos. Sou dessas leitoras que, diferentes de outras formas de leituras apaixonantes, não dilaceram o texto em um só fôlego. Quando as palavras me mobilizam demasiadamente, também me paralisam, então, preciso encontrar o sol para retornar a elas. Os intervalos nos reconstituem. É nesse

espírito que tentarei elencar alguns elementos que me fizeram *pausear*.

É raro encontrar, no campo analítico, essa espécie de narrativa-testemunho. Uma vida privada e pessoal exposta, ao próprio livre arbítrio, ao público. Sem cair numa narrativa autobiográfica psicologizante, predominante em nossos tempos.

Eis, então, um primeiro elemento a destacar: um ato de coragem intelectual. A narradora de “*Cartas ao filho*” se conta através do outro. Trata-se de um testemunho de um acontecimento de uma vida que transcende a um testemunho sobre uma vida privada.

Assim, penso que Milan está cumprindo umas das consequências éticas fundamentais da psicanálise: o ato de emprestar-se, de deixar ser um transporte, um lugar de transposição. A autoria da narrativa é de Milan, mas a narrativa é de muitas mães e mulheres. Ela empresta sua voz, para dar voz a tantas outras condições de vida. Com isso, se cumpre uma função de um intelectual: é alguém que construiu recursos de pensamentos e linguagens, podendo ser porta-voz de outras vozes. Aqui, o conceito de polifonia, de Bakhtin, pode ser aproximado. Ou seja, através de sua voz, outras tantas sonoridades maternas estão contidas. Polifonias de vida.

O filho parte. Neste vazio doloroso, Milan constrói palavras. Ali onde ela não conseguia escutar, tenta fazê-lo através dessa narrativa. Tenta escutar-se, escrevendo. Não parece pouco este ato de humildade que uma renomada psicanalista empreende. Os pontos cegos revisitam a todos nós, sempre. É preciso colocar-se adiante deles, senão nos cegam completamente.

Nas primeiras páginas, a autora já declara o seu ato: “Escrevo para te tornar presente, mas não só. Quero rememorar a vida que tivemos – você, eu, nós – e me perguntar o que é ser mãe. Se não descobrir os meus erros, corro o risco de reincidir neles e te afastar mais ainda” (p. 9). É através deste ato de escrever, que Milan se debruça para fazer experiência

de um acontecimento de vida: “uso a palavra sobretudo para descobrir o que não sei” (p. 41).

Milan vai se contando através dos acontecimentos. E fatos que são da vida pública. Assim, que ela refere à vida de Joãozinho Trinta e o carnaval, a condição do imigrante, “o descendente de imigrante sofre pela relação ambígua que o imigrante tem com o novo país. Por um lado, quer conquistá-lo e o valoriza. Por outro, desvaloriza, por não ser o país de origem” (Milan, p. 102). Também, faz alusão a “Casa Grande & Senzala”, lembrando que nós, latino-americanos, somos descendentes do navio, inclusive os índios “cuja alma se estraçalhou ao ver os descobridores desembarcarem” (Ibidem, p. 141).

Juntamente com seu conteúdo, é uma narrativa que não deixa esquecer o valor da escuta, do endereçamento, da escrita. Da narrativa sobre uma vida ou um acontecimento de vida. Cartas que não se escrevem mais (ou pouco se escrevem). Eis a atualidade de Rilke em “Cartas a um jovem poeta”.



Referências

- Millan, B. (2013). *Carta ao filho*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rilke, R.M. (1903-1908/1976). *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre, Globo.

Recebido em 2013-10-07
Publicado em 2014-01-01

* Tais elaborações foram, inicialmente, partilhadas no grupo “Conversas Literárias”. No mês de agosto de 2013, “Carta ao filho” foi o livro escolhido para ser conversado sobre ele.



** IZA MARIA OLIVEIRA é Psicanalista. Escritora. Doutora em Psicologia Clínica PUC-SP.